

Mais espaço para as mulheres

Márcia Abrahão Moura
Reitora da Universidade de Brasília

Desde que assumi a Reitoria, ainda no primeiro mandato, no final de 2016, sempre me perguntam qual a importância de ser a primeira mulher a comandar a Universidade de Brasília. Uma gestão de qualidade independe do gênero, é claro, mas é inegável o simbolismo de ser uma reitora, especialmente para as jovens que sonham em ser cientistas ou que acabam de ingressar na Universidade. Representatividade importa, especialmente quando o assunto são cargos de liderança.

Na área acadêmica, faço parte de uma profissão historicamente ocupada por homens, a geologia. Dados recentemente levantados pelo projeto [Open Box da Ciência](#) mostram que as mulheres são 40,3% dos pesquisadores com doutorado do Brasil. As áreas onde somos menos numerosas são as engenharias, com 26%, e as ciências exatas e da terra (onde está a geologia), com 31,1%.

Na UnB, a presença de mulheres nos três segmentos é praticamente equânime em relação aos homens. Somos hoje um pouco mais numerosas entre os estudantes de graduação (50,9%), de pós-graduação (53,3%) e entre os técnicos (51,2%). A exceção se dá no segmento dos docentes, no qual ocupamos 45,2% das vagas.

A pesquisa da UnB, contudo, é liderada por uma maioria feminina. De um total de 607 grupos de pesquisa certificados, de várias áreas do conhecimento, 323 são coordenados por mulheres, conforme levantamento do Decanato de Pesquisa e Inovação (DPI). Também somos maioria (por pouco) em projetos de pesquisa, inovação e extensão de combate à covid-19. Dos 203 projetos, 105 são coordenados por pesquisadoras e 98, por pesquisadores.

Ainda há espaços a serem ocupados, principalmente em funções de direção e gestão. Dados recentes do Decanato de Gestão de Pessoas (DGP) mostram que as mulheres estão com 46,9% das funções gratificadas e cargos comissionados disponíveis na Universidade.

Nesse montante, estão as direções das unidades acadêmicas, cuja configuração reflete a desigualdade de gênero em postos de comando, algo comum em outras instituições, públicas e privadas, país afora. Dos 26 institutos e faculdades, apenas oito são dirigidos por professoras.

Em contraponto, na Administração Superior, há mais mulheres na liderança: cinco dos oito decanatos têm decanas à frente – entre eles, os dois responsáveis pela gestão orçamentária e financeira, algo que, até o final de 2016, era inédito na história da Universidade.

Para além dos números, é importante compreender a diversidade das mulheres que compõem a comunidade da UnB e suas muitas realidades e necessidades. Temos feito ações institucionais com essa percepção, a exemplo da discussão de uma política de direitos humanos – que deve ser submetida ao Conselho Universitário (Consuni) em breve.

Também estamos trabalhando para a construção de uma creche no campus Darcy Ribeiro, um antigo sonho da comunidade. A articulação com o governo do Distrito Federal e com a bancada de deputados e senadores do DF no Congresso Nacional promete fazer esse projeto, finalmente, sair do papel – acompanhado, ainda, de um inovador centro de pesquisa sobre a primeira infância.

Os desafios serão inúmeros daqui para frente. A crise do coronavírus tem efeitos duros para as mulheres, que serão sentidos também pela nossa comunidade. Para dar uma dimensão, um estudo publicado no ano passado na revista *Nature Human Behavior* mostrou que as cientistas perderam 5%

a mais do tempo dedicado à pesquisa desde o início da pandemia, na comparação com homens cientistas. Se a pesquisadora tem filhos, o tempo ficou 22% menor.

Na gestão da Universidade, seguiremos atentos à promoção da igualdade de gênero e à defesa dos direitos das mulheres. De minha parte, desejo que meninas, veteranas e calouras, possam seguir o caminho que bem desejarem, sem os limites impostos pelo machismo e o preconceito.